



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**UM MISTERIOSO ENCANTO DE SENSUALISMO: O BEIJO
COMO ARMA POÉTICA E MICROPOLÍTICA NAS LINHAS DE
CONSTITUIÇÃO SUBJETIVAS DO SUPLEMENTO CULTURAL
*BOQUITAS ROUGE***

Francisco José Leandro Araújo de Castro*

Uma boca pintada de batom vermelho saliva em demasia e escorre pela capa do suplemento cultural, o desejo materializado pela busca incessante de novas maneiras de intervenção artística, visualização de modos de vida autônomos, a cartografia de *devires-menores* e singularidades juvenis. Naquele momento – início dos anos 1970 – percebe-se que a emergência de novas formas de manifestação política ensaiadas nos anos finais da década de 1960, entra nos anos 1970 de forma enfática. Entram em cena noções de novas demandas sociais “novas modalidades de fazer política¹” dos grupos minoritários envolvidos com noções pontuais de contestação e o estilhaçar de subjetividades díspares. Um mundo que, nesse momento, se encontra em crescente processo de mutação dos padrões de comportamento, evidencia a emergência de inúmeras outras virtualidades que surgem a partir dos anos finais da década de 1960 e trazem em seu bojo a necessidade de buscar “novos aportes a serem consumidos por um mundo em inegável mutação”

* O autor é mestre em História do Brasil pelo PPGHB da UFPI, atua como professor no Curso de História da UESPI, campus Alexandre Alves de Oliveira, em Parnaíba. Vinculado ao grupo de pesquisa: Cidade, Cultura e Identidade. Linha II: História e Movimentos Juvenis pelo CNPq. É vinculado, também, ao grupo de pesquisa: História, Teatro, Música e Estética, (Capes CNPq).

¹ PESAVENTO, 2003, p. 09

evidenciando no “estilhaçar que aparece na signagem das coisas e nas ameaças terríficas, para alguns, das singularidades”². Nesse sentido, Castelo Branco aponta que nos anos finais da década de 1960 os jovens envolvidos com o campo da arte

[...] elaborarão uma linguagem que se proporá nova não apenas em termos de ser “diferente”, mas no sentido de subverter as relações da palavra com as imagens e os objetos. É no interior da linguagem que as vanguardas sessentistas se movimentarão, promovendo um terrorismo do signo, uma subversão do símbolo e da sintaxe e uma guerrilha semântica como aspectos de uma revolução semiológica que pretendia reconstruir a linguagem e reposicionar a criatividade.³

O período compreendido entre o fim da década de 1960 e início da década de 1970 é marcado então, pelo fato de que a dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena de novos grupos portadores de novas questões e interesses⁴. Ao mesmo tempo em que as fronteiras iam se diluindo por conta das novas configurações espaço-temporais, os veículos de comunicação em massa desempenhavam papel importante no que se refere à progressiva mediatização da realidade. Isso afeta a percepção de diferentes sujeitos, com atenção especial à juventude dos centros urbanos, ligada que estava às inserções dos novos códigos, signos de identificação social, tendo em vista a necessidade de se criar um repertório aleatório, novo, e novas formas de dizer o mundo em questão. Isso é, sobretudo, reflexo de um mundo em mutação constante

Os anos 60/70 - signos da pós-modernidade - marcam a emergência de um mundo cada vez mais mediado pelas maravilhas tecnológicas, um mundo marcado por novas experiências do tempo e do espaço, um tempo de corpos sensibilizados e acuados por novas e intensas experiências e experimentações, tempo da formação de novas sensibilidades, mundo novo onde os sentidos excitados por outras viagens e visagens requeriam a elaboração de novos códigos culturais, de novas linguagens para conseguir apreendê-las, dar a elas significado, dobrá-las como novas subjetividades.⁵

² QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Imprevisíveis significados. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 21.

³ CASTELO BRANCO, 2005, p. 76.

⁴ PESAVENTO, 2003, p. 09

⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O arteiro e o poeta. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 15-18.

No que se refere à fuga aos padrões de normatização dos sujeitos, parte da juventude teresinense em questão, visualizou nos aparelhos de comunicação em massa, como a TV, um mecanismo de produção das subjetividades juvenis em série. Um jovem cabeludo insistentemente fala: “esses heróis da TV estão por fora”⁶, ao tempo em que em um mesmo espaço do jornal *Boquitas Rouge*, um jovem, munido de sua subjetividade dissidente, coloca em questão de forma irônica, debochada, o papel da instituição máxima de composição dos sujeitos, dizendo: “Eu também quero a salvação da família”⁷. Dentro de um quadro de contestação de burla ao papel social que cada uma dessas instâncias representa no seio da sociedade, a juventude teresinense envolvida com o campo dessas produções alternativas, mediante o suplemento cultural *Boquitas Rouge*, evidenciava os sujeitos e práticas comportamentais dissonantes a um modelo de identificação subjetiva. Seu fazer poético-jornalístico abre campo para novas modalidades de sujeito, novas configurações estéticas para si. É a tentativa de ampliar os horizontes, as possibilidades de inserção de uma maneira peculiar de modo de vida juvenil “por cima do cotidiano estéril, de horrível fixidez, careta demais”⁸ que o corpo juvenil teresinense lança a moda *Boquitas Rouge*, visualmente caracterizada como “o abrir de uma boca de lábios agressivos, vermelhos, debochados, num permanente exercício de perguntar”⁹.

A prática jornalística do grupo juvenil teresinense tem como objetivo romper com a ordem sufocante, moralizante da cidade, da estrutura comunicacional dos jornais, romper com as amarras textuais fazendo uso de uma linguagem irônica, debochada, coloquial e, assim, por meio desse efeito explosivo, detonar com a acomodação cotidiana e constituir-se enquanto sujeito aberto a outros possíveis, a outros *devires*. A tentativa de Durvalino Couto, Edmar Oliveira, Arnaldo Albuquerque, entre outros sujeitos envolvidos com a produção experimental, é fazer novo uso da linguagem, por intermédio de uma produção jornalístico-artística, torná-la – a linguagem – campo de experimentação.

Esse tipo de prática jornalística ligada à produção artística, nos anos 1970, com influência de novas posturas, posições de sujeito, é possível por conta da noção de fragmentação identitária, pois, no âmbito das posturas e formas de se entender a política

⁶ *Boquitas Rouge*, Em: Jornal O Estado, 11 de Fevereiro de 1973, Teresina-PI, p. 07.

⁷ Idem, p. 07

⁸ SALOMÃO, Waly. *Gigolô de bibelôs*, Rio de Janeiro: Rocco, 2008. p. 10.

⁹ BARRADAS, Haroldo. *BRAZIL. a rising super power. no question about it*. *Boquitas Rouge*. Em Jornal O Estado. 18 de Fevereiro de 1973.

tradicional, ela não tinha viabilidade, não poderia se fazer presente, não tinha representatividade. Portanto, do ponto de vista das incipientes manifestações do momento emergem “novas concepções políticas relativas às identidades específicas, à diferença, à alteridade, à valorização da subjetividade e do cotidiano”¹⁰. Esses impressos se relacionaram com uma prática comum nos anos 1970, a imprensa marginal, alternativa, existencial, não pelo fato de circulação restrita, pois o suplemento dominical *Boquitas Rouge* e alguns dos jornais e suplementos culturais eram vinculados a um jornal de maior circulação, mas como forma dissidente de discurso contestador ao autoritarismo e censura das instâncias oficiais e da classe média. Essa prática jornalística chamada por muitos no Brasil, de “desbunde”, tem seu aspecto performático característico, a conotação provocativa para os conservadores tanto da direita militar como também os da esquerda ortodoxa. A ampliação do conceito de política, estendendo-a ao corpo e a crítica às instituições, perpassou, em grande medida, as questões da materialidade, da luta de classes, preconizada pelo discurso militante.

Na produção juvenil teresinense estaria presente a intenção de romper com a estética e conteúdos das formas tradicionais de expressão e comportamento impostos, ao mesmo tempo criando espaços existenciais. Nesse ponto, entendemos que a arte “não se limita a ser um instrumento de luta para desmascarar relações de poder ou valores morais que os discursos ditos científicos emitem, mas, constitui-se por si só, em força plástica em sintonia com a vida”¹¹. Portanto, os enunciados dos jornais alternativos trazem o signo das novas maneiras de pensar a arte, o campo da produção da linguagem artística e o sujeito envolvido no processo produtivo como elementos capazes de criar uma nova linguagem que dê outros significados ao cotidiano. Sob o ponto de vista dos aspectos que mais influenciaram a produção alternativa teresinense, encontra-se a música, e em especial algumas figuras como Caetano Veloso. Em texto ao jornal *Boquitas Rouge*, Durvalino Couto Filho enfatiza a noção do papel da arte, como potencialidade criativa dessa nova linguagem.

Acho que a proposição básica e fundamental de toda arte é fazer com que passemos a vista novamente todos nossos juízos de valores e todas as nossas possibilidades de entendimento e/ou aceitação de inovações destinadas a uma revolução ideológica ou estética. Por isso dou vital

¹⁰ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 45.

¹¹ TÓTORA, Silvana. ressonâncias entre experimentos do fora. In: *Kafka e Foucault: sem medos*. Edson Passeti (org), Cotia- SP. Ateliê editorial, 2004, p. 177-178.

importância a CAETANO VELOSO, porque ele sempre nos põe na parede a cada disco novo que lança, a cada música nova que faz.¹²

No que se refere ao aspecto artístico-comportamental o artista, a exemplo de Caetano Veloso, nos anos finais da década de 1960 e nos anos iniciais dos anos 1970, assume uma postura que ultrapassa a simples produção e reprodução musical, mas se insere num quadro amplo de mudança na postura e no entendimento dos sujeitos envolvidos com o campo das artes experimentais, inseridos dentro de um espectro maior. Não à toa, Caetano Veloso é um dos elementos do movimento musical tropicalista, que exerce o papel de artista questionador dos velhos hábitos consagrados. Portanto, a postura ultrapassa os velhos ditames da arte e acena para a nova possibilidade do entrecruzamento dos campos da arte-política-subjetividade.

Nesse ponto, esta parcela da juventude teresinense é atravessada pela linha de constituição subjetiva experimental do tropicalismo, tendo Caetano como um representante entre inúmeros outros sujeitos praticantes do campo das vanguardas artísticas do período. A noção de política-arte é aí inserida como elemento criativo de novas noções e visualizações perceptivas. Por parte do campo aberto pela juventude, a arte experimental se insere “como ato compromissado não com a beleza, a limpeza, o padrão; mas com o risco, o rasgo, o clarão, a descoberta, com a explosão de subjetividades não enquadradas”¹³. A juventude teresinense em questão sofre o reflexo dessas modificações da percepção em torno da linguagem utilizada fora dos padrões estilísticos e estéticos dos veículos *mass mediáticos*. Durvalino Couto Filho defende a tomada de posição por parte do artista e o uso de uma linguagem mais abertamente vinculada à tomada do senso crítico do sujeito. Nesse sentido aponta

Acho que o tempo requer palavras secas e instantâneas, tão imediatas quanto imediata é a necessidade de equilibrar uma posição crítica e pessoal sobre as coisas que estão acontecendo no ambiente [...] como não poderia deixar de ser já tenho nitidamente incorporada a meu cérebro a famigerada **autocensura**, resultado final de um modo peculiar

¹² COUTO FILHO, Durvalino, *Jornal Boquitas Rouge*, 18 de fevereiro, 1973.

¹³ SILVA, Jailson Pereira da. O palhaço degolado: esgrimas de Jomard Muniz de Brito em torno da noção de povo brasileiro. Em *História, Arte e Invenção: narrativas da história*. In: CASTELO BRANCO, Edwar de; MONTEIRO, Jaislan Honório. São Paulo: Intermeios. Brasília CNPq. Teresina; EDUFPI, 2012.

a minha geração, que pelo menos quer preservar intactos os membros do corpo¹⁴

A fala de Durvalino Couto Filho enfatiza a noção das palavras presas a determinados grilhões de escrita por conta do processo de censura nos meios de comunicação e da linguagem tradicionalmente enrijecida. O suplemento dominical *Boquitas Rouge*, encartado no jornal *O Estado*, prioriza as palavras em liberdade dançando na escrita poética, experimental, em contraponto ao sentido vislumbrado no momento de que a percepção que as relações sociais são dotadas de um autoritarismo, prenes de significados instituídos para além de uma estrutura meramente formal. Mas que o simples existir é suscetível a diferentes interditos, coações, vigilâncias muitas vezes minúsculas que produzem mais amarras do que a simples ação institucional. O importante é, sob esse aspecto, entender quais os pontos, os locais de produção, constituição dos sujeitos e tentar subjetivar outra *estética da existência*

[...] o mais importante não são as restrições institucionais que a gente sofre, mas outras mais sutis, que não estão em nenhum papel, mas que nem por isso tolgem menos os nossos movimentos. Estabelecidas dentro das nossas cucas, passam despercebidas a todos. [...]¹⁵

Do ponto de vista das produções dos comportamentos dos sujeitos, portanto, há de se levar em conta essas *estratégias* minuciosas produzidas em meio ao corpo social, porém isso não tira o papel das instituições de sequestro, das estruturas de produção dos sujeitos, das instituições disciplinares, a escola, o asilo, o hospício, o hospital, a prisão. Se na fala anterior é relacionado um papel central às restrições mais sutis, no mesmo texto, Barradas aponta o papel determinante das velhas estruturas que nos condicionam

[...] restrições oriundas das estruturas em que nos formamos são as mais importantes. Tais como um campo elétrico elas são invisíveis mais nos impõe comportamentos rigidamente enquadrados¹⁶

No campo aberto pela produção de jornais alternativos teresinenses tais como o alternativo *Gamma*, e os encartados dominicais *Hora Fatal*, *Boquitas Rouge* e *O Estado*

¹⁴ COUTO FILHO, Durvalino. *Pecado recado*. In: *Jornal Boquitas rouge*, *Jornal O Estado*, 18, fevereiro de 1973, p. 04.

¹⁵ BARRADAS, Haroldo. BRAZIL. a rising super power. no question about it. In: *Boquitas Rouge*. Em *Jornal O Estado*. 18 de fevereiro de 1973, p. 10.

¹⁶ BARRADAS, 1973, p. 10.

Interessante do início da década de 1970, percebe-se que a intenção é a constante quebra, ruptura do padrão dominante de comportamento, com as formas dominantes de linguagem e de se fazer arte no período. As experiências estéticas do grupo juvenil teresinense, nos anos de 1972 e 1973, no que se refere às inovações no campo da produção artística, têm como um dos símbolos o suplemento cultural *Boquitas Rouge*. A tentativa de fazer uma conexão visceral entre a arte e a própria existência leva o grupo teresinense a se reposicionar diante do papel da arte e desta para o cotidiano e, conseqüentemente, do próprio sujeito envolvido com esse tipo de produção experimental/existencial para uma arte-política da existência. De acordo com Maria Paula Nascimento Araújo, em *A utopia Fragmentada*, o período traz, em grande medida, a noção da (re)significação da luta política, a tarefa de “politizar as questões ligadas ao cotidiano, ao subjetivo, ao privado, às relações pessoais, tendo sido um dos responsáveis pela tentativa de reinventar a política nos anos 1970”¹⁷, a noção de valorização das experiências e particularidades de diferentes modos de vida. Isso é, significativamente, marca das novas noções de se fazer e praticar a política, agora inserida na esfera das vivências, que os sujeitos se veem fazendo parte. Portanto, a noção das especificidades dos grupos sociais e suas questões pessoais, pontuais, são levadas em conta para além de questões que enxergam o homem enquanto totalidade.

A proposta político-cultural do grupo, tendo como mote “o beijo como arte da existência”, foi pensado, segundo Durvalino Couto Filho, quando projetaram um jornal que fosse relacionado ao experimento de um dos membros do grupo. “O Arnaldo Albuquerque se vestia com um sobretudo preto e pintava os lábios de batom vermelho, bem forte. Daí ele saía beijando os amigos na praça, onde a gente se reunia, marcando no gesto do beijo, a inovação e intervenção poética”¹⁸. Segundo atesta o próprio suplemento cultural “O Arnaldo foi um dos lançadores da moda *Boquitas Rouge* (lábios pintados de vermelho) a qual [já começa] a pegar no meio dos nossos jovens”¹⁹.

O suplemento *Boquitas Rouge*, fruto das experiências juvenis desse setor teresinense, é marca, assim como o *Estado Interessante*, *Hora Fatal*, entre outros suplementos culturais, da necessidade de abertura de canais de comunicação, canais de

¹⁷ ARAÚJO, 2000, p. 19.

¹⁸ COUTO FILHO, Durvalino. *Depoimento* concedido a Francisco José Leandro Araújo de Castro em: 22/11/2012.

¹⁹ *Boquitas Rouge*, Em Jornal o Estado. 11 de fevereiro de 1973, p. 08.

inserção das novas linguagens à disposição da juventude, de suas percepções, visões de mundo. Isso, segundo os mesmos, com liberdade de criação, sem a necessidade de um elemento, de um eixo central de produção a definir o uso da linguagem

Ora cara como discutir a linha de um jornal destinado a corda bamba? Arte dirigida não, cada um faça o que puder, fora de projetismos. Eu ainda não falei nada, agora eu vou falar nada com uma geleia particular nesse suplemento assim assado. Principalmente assado. Traz uma coca-cola enquanto a gente não arranja uma propaganda.²⁰

A prática jornalística sem um critério ou programa pré-definido, sem uma racionalização maior na maneira de conceber o processo criativo onde cada um faz o que quer e o que puder nas páginas do suplemento cultural *Boquitas Rouge*, encontra viabilidade por conta da liberdade de escrita que caracteriza a produção jornalística dos sujeitos envolvidos na empreitada, sua poética-jornalística insubordinada, astuta, abre *linhas de fuga* em um campo de linguagem polissêmica e marcadamente híbrida. A tentativa de fazer um *link* entre as mudanças comportamentais sentidas por parte de uma fração da juventude no período envolvida com o campo da produção jornalística, com a verve artística, encontra a matéria-prima nessas novas práticas minoritárias emergentes.

O momento de por em questão os valores, rebelando-se contra os costumes. Os conceitos, repassados pelos pais ou por outros instrumentos de serialização, como a escola, se revelariam insuficientes para dar conta de compreender um mundo que apesar de ser marcado pela velocidade de suas mutações, parecia resistente e reativo a mudanças justamente em termos dos valores e hábitos consagrados.²¹

Os hábitos consagrados, o dito conservadorismo da sociedade arcaica da “superprovíncia”, da *Terra de Antares*, assim como se observa em alguns centros urbanos do país, pareciam contrários às mutações juvenis que marcam o período. Parte da juventude teresinense encontra como fonte ideal o processo de mutação dos hábitos juvenis

To be or not to be
Eu canto e penso danço e corro
ando e esqueço falo e não vejo
olho e não calo troço e não digo
é tudo isso pessoal

²⁰ *Boquitas Rouge*, Em jornal O Estado, Fevereiro de 1973.

²¹ CASTELO BRANCO, 2005, p.61

a gente pode fazer tudo que der na telha (o grifo é nosso)
sem se amarrar num troço só.

Eu sou eu por dentro e por fora

Apesar de me conhecerem de diversos modos

Com diversas máscaras

mas minha máscara é uma só

Já tô saindo do caminho não quero falar
de mascaras e mascarados

quero falar de coisas mais concretas

boquitas rouge etc. e tal

vamos botar pra frente com vontade este

negócio que chamam de jornal por essas bandas²²

Enfim, o período em questão, por parte dos setores juvenis, trouxe a emergência e a inserção do corpo enquanto elemento dentro da luta micropolítica. O uso do corpo pelas mulheres, a minissaia, a pílula, e por parte dos homens suas indumentárias “afeminadas”, cabelos longos, questionam o que tradicionalmente se determinou, se fechou através de códigos binários de identificação, o que seria de usufruto do homem e da mulher. É, sobretudo, na estrutura corporal, o espaço onde se inscrevem e se materializam as irrupções de novas noções, novas posições de sujeito. Os posicionamentos clamam por posturas que sejam conectadas com a pluralidade de maneiras de utilização do próprio corpo. O movimento em torno das minorias políticas, assim como o das vanguardas artísticas no período entendem que o próprio corpo sofre o reflexo das estruturas condicionantes sociais. O corpo, nesse sentido, se mostra como a instância privilegiada de atuação dos micropoderes disciplinares, sendo pensado como o campo de batalha no qual se travam conflitos cotidianos entre as exigências da normalização disciplinar e as *linhas de fuga* de resistência²³.

²² Alenka, Zé. *Boquitas Rouge*. Em jornal O Estado, Fevereiro de 1973. P. 06

²³ DUARTE, André. *Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault*. Em Figuras de Foucault. Org RAGO, Margareth, VEIGA NETO, Alfredo. 2, Ed Belo Horizonte, Autêntica, 2008., p. 48



IMAGEM 01 - Apresentação de Edmar Oliveira, suplemento cultural *Boquitas Rouge*. A prática jornalística do grupo teresinense envolvia a problematização das noções tradicionais de gênero. Na imagem, a postura de Edmar enfatiza a quebra dos ditames com relação a um tipo de vestimenta e postura masculina nos anos 1970. *Boquitas Rouge*. Em: Jornal O Estado, Teresina, Fevereiro de 1973, p. 07.

Nome: Edmar

Um pretexto, um texto. Atestando o
atestado de nascimento da boca vermelha.

Na piçarra, no por enquanto, por enquanto eu vou, eu sou, eu dou. [...]

Idade: 21 anos

São anos de mais em cima de uma boneca loura, louca [...]

Cabelo: castanho-claro

Um pouco louro e um pouco grande para o que eu quero dizer [...]

Pausa: Teresina é meu amor, um gosto de sal na boca.²⁴

A apresentação de Edmar Oliveira no suplemento cultural *Boquitas Rouge* atesta a emergência das noções de comportamento dissidentes aos códigos normativos de

²⁴ *Boquitas Rouge*, Em jornal O Estado, Fevereiro de 1973. P. 07

postura nas páginas dos suplementos culturais teresinenses por parte do grupo juvenil. Diante de um mundo marcadamente reacionário às transformações do desejo no campo social, a prática de Edmar, assim como de Carlos Galvão, Durvalino Couto Filho, entre outros jovens teresinenses envolvidos com o campo de produção artística, aponta para possíveis *devires-menores* e para “dobras subjetivas que concebem os processos de subjetivação como ensaio, como processo ético e estético que buscam produzir modos de vida e de existência inéditos”²⁵.

A produção do suplemento cultural *Boquitas Rouge*, por Edmar Oliveira, Carlos Galvão, Durvalino Couto Filho, Conceição Galvão, entre outros jovens, é feita, pensada como um brado em prol da liberdade do sujeito, como um investimento de arte-luta, das artes de escrita de si. A liberdade – não a pensada em termos institucionais, mas a que vem “da ordem dos *ensaios*, das experiências, dos *inventos*, tentados pelos próprios sujeitos que, tomando a si mesmos como prova, inventarão seus próprios destinos”²⁶, é que foi a mola propulsora desses experimentos jornalísticos. Entende-se aqui, essas práticas, sobretudo como *micropolíticas das resistências* sob o ponto de vista de se desenrolarem num âmbito da produção das subjetividades em constante confronto entre a sujeição aos diversos mecanismos dispersos em meio ao caos social, ou à confrontação a partir da escrita de novos modelos de subjetividade.

A produção jornalística da juventude teresinense da qual *Boquitas Rouge* é exemplo, é tentativa, portanto, de apontar maneiras diferentes, noções plurais dos sujeitos, destes entenderem a si mesmos enquanto portadores de significados desconexos a um padrão de normatividade. Portanto, *Boquitas Rouge* funciona também enquanto “instrumento de experimentação de linguagem e de afirmação de visões *subterrâneas* de mundo”²⁷. Nesse ponto de vista, constata-se nas páginas do suplemento cultural *Boquitas Rouge*, que este se afirma como um investimento por parte da juventude *underground* de Teresina-PI das novas posições dos sujeitos contrários aos padrões normatizadores comportamentais. O gestual, a postura irreverente e questionadora, o cabelo comprido,

²⁵ SANTAELLA, 2004, p. 20.

²⁶ SOUSA FILHO, Alípio de. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA NETO, Alfredo; SOUSA FILHO Alípio de. (org.) *Cartografias de Foucault*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

²⁷ CASTELO BRANCO, 2005, p. 25.

tionam, em grande medida, o papel social de cada um e pretensamente extrapola os limites impostos pelos constructos das identidades de gênero.

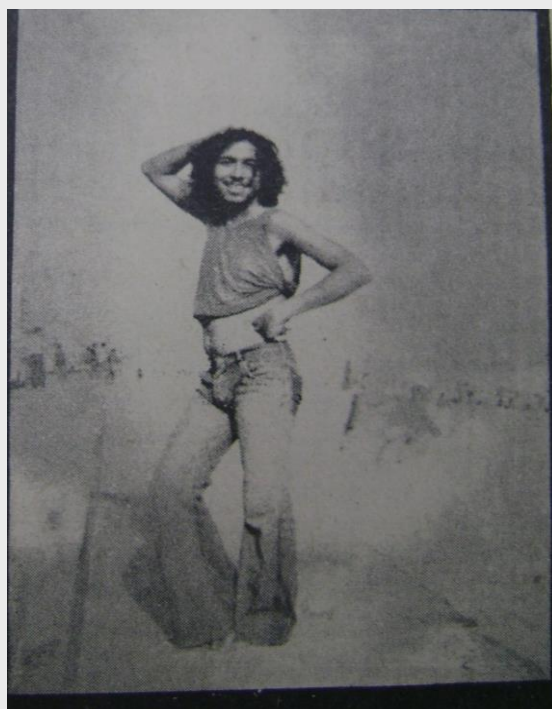


IMAGEM 02 - Carlos Galvão burla as posturas tidas como aceitáveis por parte dos segmentos sociais. A vestimenta visualizada enfatiza os usos de parte da juventude entre o que é usual para o homem e/ou para a mulher. *Boquitas Rouge*. Em: Jornal O Estado, Teresina, Fevereiro de 1973, p. 08.

Homens cheguei, baixei e saraivei pintando nas bocas e jornais – batom – BOQUITAS ROUGE, um jeito indireto de dizer as coisas diretamente nas caras das vergonhas, dos medos. Um jeito de dizer, um lugar pra dizer, um lugar legível pra dizer pra ficar bem claro que eu não marco touca – eu sou é louca. BOQUITAS ROUGE UM GALHO PRA CADA MACACO. Vale tudo desde que seja fora do zoológico.

BOQUITAS ROUGE, casamento com separação de bens, metalinguagem e a fruta que nos faliu todo mundo tem boca e a papa é pouca.

PS – Há quem diga que Carlos Galvão é piauiense mas pairam dúvidas a respeito no ar. Será um avião, um pássaro, não é uma super-mulher.²⁸

Perceber a tentativa de construção de identidades políticas fragmentadas por intermédio das posições de sujeito e de novos códigos de consumo, para além da produção

²⁸ *Boquitas Rouge*, Em jornal O Estado, Fevereiro de 1973. p. 08.

do sujeito no *sistema capitalístico*, é ver como as noções das inserções das identidades fragmentadas se materializam antes de tudo nos próprios corpos juvenis. Sob esse aspecto, pensamos que “a verdadeira obra de arte é o corpo infinito do homem que se move através das incríveis mutações da existência particular”²⁹. As noções tradicionais de comportamento, de gênero e do uso ideal da estrutura corpórea pelos sujeitos, vão, pouco a pouco, sendo invertidas. Nesse ponto, a esfera de produção capitalística, aqui aponta para um modelo de subjetividade no processo produtivo e as práticas juvenis são, em larga escala, a tentativa de quebrar com os padrões homogeneizantes do uso do corpo. Desde que fosse possível utilizar o espaço corporal para as possibilidades de redimensionamento da política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O arteiro e o poeta. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria*: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada*: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

DUARTE, André. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. *Em Figuras de Foucault*. Org RAGO, Margareth, VEIGA NETO, Alfredo. 2, Ed Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Imprevisíveis significados. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria*: Torquato neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

ROLNIK, Suely. A MORTE DE FÉLIX GUATTARI. Em: *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. - v. 1, n. 1 (1993) - São Paulo, 1993.

SALOMÃO, Waly. *Gigolô de bibelôs*, Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SILVA, Jailson Pereira da. O palhaço degolado: esgrimas de Jomard Muniz de Brito em torno da noção de povo brasileiro. In: *História, Arte e Invenção*: narrativas da história. In: CASTELO BRANCO, Edwar de; MONTEIRO, Jaislan Honório. São Paulo: Intermeios. Brasília CNPq. Teresina; EDUFPI, 2012.

SOUSA FILHO, Alípio de. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; VEIGA NETO, Alfredo;

²⁹ GUATTARI, 1981, p. 58.

SOUSA FILHO Alípio de. (org.) *Cartografias de Foucault*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011

TÓTORA, Silvana. *ressonâncias entre experimentos do fora*. In: *Kafka e Foucault: sem medos*. Edson Passeti (org), Cotia- SP. Ateliê editorial, 2004.

Jornais:

BARRADAS, Haroldo. BRAZIL. *a rising super power. no question about it*. Boquitas Rouge. Em *Jornal O Estado*. 18 de Fevereiro de 1973.

COUTO FILHO, Durvalino. *Pecado recado*. In: *Jornal Boquitas rouge, Jornal O Estado*, 18, fevereiro de 1973.

COUTO FILHO, Durvalino, *Jornal Boquitas Rouge*, 18 de fevereiro, 1973.

